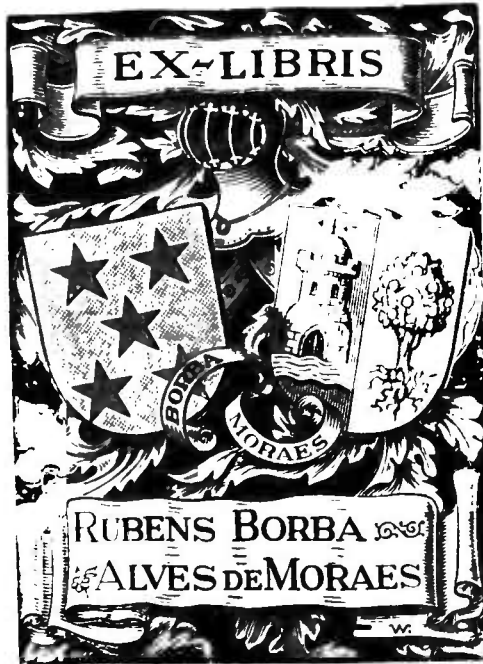


presentement Pierre  
 Henry de Beauvais  
 premier Conseiller  
 en la Cour de Paris  
 de Paris salut  
 que sur la Reque  
 jugement devant  
 le Parlement civil  
 par Maître Nicolas  
 de Sier procureur  
 en justice et par  
 ses fils de la  
 présente Lettre  
 de l'exploit du  
 quatre fait en  
 de demandeur  
 Requête par  
 et cheval  
 et sur le  
 tout devant  
 avec depuis







**REFUTACÃO**  
DAS  
DECLAMAÇÕES  
CONTRA  
O  
COMMERCIO INGLEZ,  
EXTRAHIDA  
DE  
ESCRITORES EMINENTES  
POR  
*JOSE DA SILVA LISBOA.*



**RIO DE JANEIRO,**

**1810.**

**NA IMPRESSÃO REGIA.**

---

*Por Ordem de S. A. R.*

*Veritas pluribus modis infracta, primum incitiâ rei-publicæ, ut alienæ; mox libidine consentandi. Speciosa nomina prætexuntur. Nec quisquam alienum servitiûm et dominationem sibi concupivit, ut non eadem ista vocabula usurparet. fals. hæc obterdi ab iis, qui privatim degeneres, in publicum exitiosi nihil spei nisi per discordias habeant.*

Tacitus.

*Declamations ne devraient jamais faire d'impression sur les bons esprits. Mon Principe a été de ne point me remettre sur les rangs des gens méprisables. Quant à mon livre, j'entends quelques frelons qui bourdonnent autour de moi; mais si les abeilles y cueillent un peu du miel, cela me suffit.*

Montesquieu. Letr. famil.

## P R O L O G O .

**A** Intima Alliança e Amizade, que ha séculos felizmente subsiste entre as Coroas Portugueza e Britannica, constituem, mais que nunca, interessantes na presente epocha os escriptos dos Homens illustres na Republica das Letras, que se animarão a advogar a causa da Humanidade, e resistir ao impeto das vertiginosas declamações dos perturbadores da Ordem Social contra o Governo e Povo Inglez. A instabilidade das cousas humanas se mostra agora com particular assombro na Scena do Mundo; não se podendo ainda crer o que se passa aos olhos de todos.

Quem em outro tempo se persuadi-  
ria, que na França, onde os primeiros lu-  
minares de orthodoxa Economia-politica, *Fenelon e Montesquieu*, escreverão sobre as van-  
tagens do Commercio franco, havião de  
urgir os Monstros Revolucionarios, que

não só tentarão desorganisar o systema da civilisação, mais até enthronisarão tão horrida Tyrannia Militar, que avilta o trafico mercantil, e porfia, com o seu systema physiocratico, e vandalico, exterminar o Commercio Inglez do Continente Europeo, com o de todas as Nações que nelle se interessão; impossibilitando assim a producção e extracção de innumeraveis bens, que antes entravão no Circulo Maximo de tal Commercio, e que tanto extendião a geral industria, e o espirito de sociedade, necessario a felicitar, e fazer cada vez mais perfectivel, a Especie Humana.

Montesquien observou no *Espirito das Leis*, que, *onde ha commercio, ha doçura de costumes; e onde ha doçura de costumes, ha commercio.*

Estava reservado á França, para dar padrões de todas as sortes de monstruosidades, requintando em costumes ferozes sobre os da era do seu Capitão Brenno, pretender desmentir a hum dos seus maiores sabios, contradizendo a eterna verdade daquelle aphorismo, e empehando as suas forças contra hum Governo, que fez para



a anárchia, e que antes tinha sido elogiado com o mais sublime panegyrico pelo dito Mestre de Política da Europa, e contra hum Povo imitador dos Phenícios, tão justamente celebrados, no seu Commercio com os antigos povos, pelo outro Grande Homem, que houva não menos a Nação que a Igreja Gallicana. Quem presumiria, que a França chegasse até ao excesso de agoirar, e pretender attrahir a Inglaterra, o fado de Carthago, e de acometter e supplantar Estados pacificos, que não tem outro delicto, que o terem prosperado com o Commercio Inglez, e insistirem na sua continuação?

A Posteridade lerá com espanto estes desatinos. Elles só merecião o desprezo, e não refutação seria, dos que pensão sem paixão; pois são evidentes delirios de homens desarrazoados, que, nos parocismos de sua raiva impotente, se corroem e remordem de não poderem illudir, e menos prostrar, o Governo e Povo Britannico, que tambem, em justa represallia, tem declarado guerra eterna contra o Poder Colossal, que se levantou na Europa abolindo a *Lei das Nações*, e que derruba, como o

Salvagem da Luisiana, o tronco da Arvore da vida; não conhecendo, (ou affectando desconhecer) que o Commercio, e a extensão do mercado, regulão a divisão do trabalho, e as forças productivas da Sociedade, para subirem todos os paizes ao auge de população, opulencia, e sabedoria, de que as suas circumstancias são susceptiveis. Tanto agora mais se confirma o outro aphorismo do citado Politico; ser de eterna experiencia, que *tudo o poder desmedido he infallivelmente abusado!*

Porém os grandes erros economicos não se refutão só desprezando-se aos apostatas da verdade: pois o seu pessimo effeito he lavrarem com rapidez, e profundamente arraigarem-se; tornando-se depois difficilimo, e quasi impossivel, destruillos e extirpalllos. Graças á Providencia! Temos dado grande exemplo ao Universo de Lealdade e firmeza do Character Nacional, oppondo, com os Ingleses, unidos peitos aos assaltos dos Sarracenos do dia. Mas infelizmente os climes mercantis, que grassão na Europa contra o Commercio Inglez, não estão de todo dissipados no Brazil; e até ainda ha

quem se queira contra o Commercio franco, decretado á todas as Nações pela immortal Carta Regia da abertura dos portos deste Continente; não advertindo os contradictores, que se deo superior dignidade á nobre profissão mercantil, deixando-se o inteiro Orbe patente á todas as especulações e empresas dos Homens de Negocio; e que os seus embarços, e prejuizos são transitorios, e procedidos da falta de confiança, de pericia, e de correspondencias regulares, pelo perturbado estado da Europa.

Quem poderia imaginar, que, sendo a descoberta d'America hum dos maiores successos que se recordão na historia do Genero Humano, e que occasionou, por seus novos ramos de Commercio, tão rapido adiantamento nas artes, sciencias, e delicias da vida, hoje na França os que tem presumpção de intelligencia e valentia, ostentassem o seu saber e poder, declarando guerra ao assucar, e ás outras preciosas produções dos Tropicos, cortando o commercio do antigo com o novo mundo; não tendo pejo de affirmar, que a actividade mercantil e manufactureira da Gran Bre-

## VIII

tanha he a causa da pobreza, inercia, e ruina dos outros Estados, ainda que aliás os seus Comerciantes offereção, em concurrencia das mais Nações, os fructos de sua terra e industria, em leal, voluntario, e equivalente cambio dos fructos da terra e industria dos paizes com quem tratão; promovendo ao mesmo tempo o emprego de braços e capitaes dos respectivos povos naquellas direcções, em que estes tem mais naturaes ou adquiridas oportunidades, e por tanto contribuindo efficazmente ao bem physico e moral de seus Estados?

Da nossa parte, he necessario confessar, que temos no Brazil experimentado os mais assignalados beneficios no Commercio dos Inglezes; pois á elle devemos a manutenção do geral trabalho, o augmento da Renda Publica, e a maior parte da exportação dos Generos aliás sujeitos ao Interdicto do Commercio dos grandes Mercados da Europa; visto que a sua sagacidade, e vasta correspondencia mercantil vencem todos os obstaculos do phantastico Exterminador do seu trafico.

He inconcebivel, como entrasse nos ani-

mos de gente não barbarizada o vil pensamento de tentar-se destruir a augusta fabrica de hum Estado e Povo? com quem todas as Nações estão promptas a commerciar (ainda com os maiores riscos e óbices) e que tanto tem concorrido a engrandecer e aformosear o Edifício da Civilisação, produzindo sabios e artistas da primeira ordem, e posto todas as partes habitaveis da terra, (seguinte os vestigios Portuguezes) quasi em vizinhança e contacto; para o reciproco troco e uso dos bens da Natureza e Arte, e progressivo desenvolvimento da geral energia. Que impiedade, e demencia he desejar e esperar, em complacencia e exultação, a ruina de tal Governo e Nação pelos devastadores do Continente Europeo, que estão ameaçando á todos os paizes civilizados nova noite de ignorancia e salvajaria, negando haver direito, tudo obrando por perfidia, e tudo arrojando-se por armas, fazendo reviver os tempos dos rusticos Gallos e Germanos, que, não civilizados pelo commercio, e mais artes da paz, só se davão á agricultura e á guerra; tendo o seu Imperador já proclamado, que não cessará de Con-

quistas até que faça de cada lavrador hum soldado. (\*)

O pretexto he mostrarse elle o Vingador do Direito das Gentes, para dar liberdade aos mares, vilipendiando a excelsa Nação Britannica, dizendo ser hum Povo de Piratas. Ninguem hoje ignora o como a Nação Franceza tenha sido a vingadora do Direito das Gentes nas terras, e dada liberdade aos Governos regulares, e aos povos pacificos, e commerciantes, espoliando até as pequenas Cidades Anseaticas, que nunca rivalisarão á sua Potencia. Presentemente nem crianças obedem em fé publica, e vãs promessas de hum Governo phrenetico, que tem constituido o nome francez synonimo de barbarismo, como antes, ainda no vulgo, já o era de engano. Mas como os adladores deste Governo, semelhantes aos espiritos decahidos no Cão em furiosas hostes desesperadas, segundo Milton descreve no *Paraiso perdido*, mal conspicuos pela sua *escuridade visivel*. conti-

\*) *Materia munificentiz per cañes, et raptus: sordes omnium et torpor: illis pigrum et inertem viderur sudore acquirere quod possint sanguine parare. Sola terra seges imperatur: nullus per commercia cultus.*

suamente proclamação o Novo Symbolo do Alcorão Prohibitivo do Commercio Inglez; havendo as declamações daquelles pregoeiros girado de hum á outro hemispherio, e até penetrado á este paiz, com os disfarces do livro impresso em Lisboa no tempo da invasão dos Francezes, com o titulo de *Prophécia Politica do que está acontecendo á Portugal pela sua rego affeição aos Inglezes*; considerei, que faria serviço ao Estado, em mostrar o vazio e ridiculo d'essa e de outras rhapsodias; patenteando á todos os bons patriotas, que o Commercio Inglez não merece actualmente as invectivas, com que a França presume fazello odioso, para mais á seu salvo se apoderar das Nações, que ainda não passaram pelo Juzo de Numancia e Forcas Caudinas; como ella destina em o seu furor de conquistas, e projecto de Monarchia universal. Assim espero que se apartarão cadavez mais os vinculos da nossa união mercantil e politica com o Povo e Governo, que não poupa sangue, e thesouros, para a salvação e independencia da Monarchia Lusitana. He por doirados compassos que se devem medir os Interesses das Nações; e não por con-

ceitos pirrónicos de morosos Casuistas, que até dão em culpa leves desacertos, velhos habitos, e veniaes irregularidades, em que ainda os mais justos cahem. Quando se trata da segurança do Estado, e geraes utilidades, algumas anomalias de particulares se devem, nos calculos politicos, considerar como gotas no Oceano.

Na presente discussão me restringirei á questão dos interesses Commerciaes, sem implicar as relações politicas, com que a intriga machiavellica usa astutamente involver discussões literarias, para melhor palliar os insidiosos designios dos cabalistas do seculo. Prescindo de imputações de anglomania, que só entram na cabeça dos que avalião os outros pelas proprias phantasias. Julguem os capazes de sentir o delicado sentimento da rectidão, e que dotados de perspicacia de entendimento, e cordial patriotismo, sabem estimar a pureza das ideas superiores dos que se prezão de mostrar espirito publico em todas as occurrencias e difficuldades. Vou direito á verdade, como a entendo. Digo, e direi sempre, *quem não he por nós, he contra nós.*

Dirijã a minha tenue razão á Razão



Nacional nos escriptos, que tenho dado á luz sobre o commercio franco, e principalmente dos Inglezes. Depois tem-se realisado o inesperado phenomeno de huma confederação desnaturada quasi de todas as Potencias da Europa contra a Gram Bretanha, que aliás fez os maiores esforços para evitar a quêda de tantos Estados, e que ainda com vigorosa mão defende a Hespanha, antes sua inimiga por fataes illusões, e crueis industrias dos sectarios da Gallomania. Para ser este o seculo das maravilhas, até se vê a Russia, depois de insultados os seus Exercitos com o titulo de *barbaros do Tánais*, quando tão gloriosamente unio sua fé e armas em alliança com a Gram Bretanha, para prevenir o retrocesso da civilização, submetter-se emfim ás ordens do Dictador da França, declarando guerra á Nação, a quem o Imperio Russo deve o ser conhecido na Europa, franqueando os seus portos á celebrada Isabel Rainha de Inglaterra: e (o que ainda he mais de espantar) em Diplomas publicos, com injuria do senso commum, se declarou, que na paz de *Tilsit* em conferencia dos *Chefes das duas Grandes*

Nações, se assentarão em Maximas de sublimidade Política, aprendendo-se *secutos de civilização*, fechando-se a Europa às Embarcações e fazendas Britannicas, ainda sôb Bandeiras Neutras.

Estando suffocada a voz da verdade, nos paizes dominados ou influidos por tamanhas Potencias, hum Prussiano Mr. *Gentz*, e hum Suisso Mr. *Ivernais*, defendendo a Justiça Social, tem por suas luminosas dissertações sustentado os votos de todos os espiritos rectos, expondo os genuinos Principios economico-politicos, que assás convencem os erros palmares dos Declamadores contra o Commercio Inglez. Sendo as suas doutrinas dignas de serem apreciadas por todas as classes, as apresento em duas partes, que serão seguidas de discussões importantes. Dellas será patente, que as Nações que se deixão illudir por declamações atraçoadas dos adversarios de Inglaterra, serão as victimas de sua credulidade, e que se devem considerar como miseraveis que correm á sua perdição, não advertindo que, nas hostilidades contra o Governo e Commercio Inglez, não queimão os arraiaes dos seus

verdadeiros inimigos, mas as suas próprias esperanças; convindo por tanto exclamar a todas com o cantor da Eneida.

*Quin agite, et . . . infaustas exarite puppes.*

*Quis furor iste novus? quò nunc, quò tenditis, inquit.*

*Heu miseræ cives! non hostem, inimica que castra*

*Argivum, vestras spes uritis.*



## P A R T E I.

*Refutação da opinião que attribue a inferioridade da industria Commercial e Manufactureira das Nações da Europa á franqueza com que os seus Governos admittem o Commercio, e as manufacturas dos Inglezes.*

**M**R. *Hauterive* se tem distinguido sobre outros Escriptores Revolucionarios da França (\*) em hum Obra publicada em 1800, a que deu o titulo de *Estado da França*; evidentemente insinuada pelo seu Governo para seduzir e converter as mais Nações aos mesmos sentimentos de odio e rancor que a França tem á Inglaterra. Esta Obra, ainda que, desde o principio até o fim, não seja mais que hum informe tecido

---

(\*) Todos os mais Escriptores como *Montbrian*, *Guerr*, e outros, são meros copistas e sectarios de Mr. *Hauterive*, e diz-se que este não fizera mais que transcrever e fazer parodias das instrucções de Mr. *Talleyrand*, que igualmente seguiu o que lhe dictou seu Amo, hoje o oraculo da França, e, por desdita do Genero Humano, até da Europa.

das mais absurdas *declamações á Franteza*, com muita *palavrada*, e *nenhumas provas*, contra o Governo e Povo Inglez, e de principios economicos os mais erroneos e ridiculos, tem com tudo por desgraça, tido muita voga e credito entre superficialaes, ou apaixonados, e facilitou muito os projectos do actual Chefe do Governo Francez, para attrahir a todas as Potencias da Europa, á força d'armas, a se confederarem com elle contra a Gram Bretanha. Aquelle Escriptor insidioso e sophistico teve a extravagancia e horribilidade de proclamar geral guerra, e *Nova Cruzada*, de todas as Nações contra a Nação Ingleza, como se ainda estivessemos no seculo dos pregoeiros das Cruzadas contra os infieis Musulmanos. He neste seculo, chamado de luzes, que se suggerio e executou, tamanho barbarismo, á que se deo o titulo de *Santa Confederação e Pacto Europeo*, que tem occasionado as ferocidades e misérias que o Mundo testemunha, bem se podendo dizer com o Satyrico Juvenal;

— *Adspice nostro*

*Dira quod exemplum feritas poduxerit ævo.*

Se em seculos futuros se disputar, se a França era civilisada no seculo decimo nono, bastará citar-se aquelle facto, para se provar que era barbara.

Felizmente para a Humanidade, ainda no Continente Europeo, não obstante achar-se esmagado e envilecido pelos furros revolucio-

naros, concentrados na França, hum sabio Politico, Conselheiro de Sua Magestade Prussiana, *Frederico Gents* ( que bem se póde chamar o *ultimo dos Allemães* ) teve a elevação de espirito, e força de caracter, para se oppor á vertigem do seculo, como mui digno e estrenuo antagonista contra os Monstros do crime Mercantil, e Barbarismo Militar, que desorganisação a civilisação. Elle he bem conhecido pela sua Obra da *Opulencia da Gram Bretanha*, que se traduzio em Lisboa neste seculo por Ordem Superior. Espero que os leitores candidos attendão ás suas razões que passo a expor, e que são extrahidas da inexpugnável Resposta que em 1801 elle deo ao dito *Mr. Hauterive*. Ellas servirão de apologia aos meus sentimentos que publiquei nas Observações sobre o Commercio Franco no Brazil Parte II. e III., e de confirmação ao que tenho ponderado no presente escripto.

Diz *Mr. Hauterive*, que a Nação Ingleza tem, com geral ignominia e tyrannia das mais Nações, abarcado, com nunca visto monopolio, quasi todo o Commercio do Mundo, por força do seu *Acto de Navegação*, pela multidão

---

(\*) He cousa espantosa, que, costumando os sabios Alemães escrever tanto, agora todos emudecesem pelo terror do Tyranno da Europa, só *Mr. Gents*, teve o valor neste seculo de escrever sobre grandes cousas, e em grande estilo, nesta e outras obras seguintes.

de suas conquistas e Colonias Ultramarinas , e pela introdução de suas manufacturas ; e que tem assim feito todas as Nações tributarias á Industria Britannica , constituindo-as meras Colonias para seu serviço ; impossibilitando por isso o estabelecimento e progresso do Commercio e Industria das mais Nações. Diz finalmente , que o Governo Inglez tem feito hum *Codigo Maritimo* contra a *Lei das Nações* , usurpando o imperio dos mares , devendo aliás ser livre a Navegação do Oceano.

Por estes motivos , usando de phraseologia a mais diffamatoria e incendiaria , diz , que a França deve fazer guerra , não só á Nação Ingleza , mas tambem á todas as Nações alliadas de Inglaterra , ou que tem correspondencia mercantil com a mesma ; a fim de fundar hum systema federativo de todas as Potencias da Europa , para excluir o máo genio Inglez dos seus mercados , e por tal modo , removido esse insidioso competidor , poderem crescer em industria e siqueza , e obstar que a Gram Bretanha haja de sacar o oiro de todos os paizes , com o qual sustenta as guerras , e corrompe os Gabinetes.



*Resposta quanto ao Monopolio do Acto da Navegação.*

**T** Odo o Governo tem indisputavel direito de promover a industria do seu povo pelos meios que entende serem ós mais proprios e seguros, com tanto que não viole os direitos, geralmente reconhecidos, de outros paizes. Nenhuma Nação tem direito de exigir de outra a parcial ou total admissão dos seus productos ruraes e commerciantes. Até agora os Governos de todas as Nações (sem excepção) se tem esforçado em animar e segurar os principaes ramos de sua industria, por absolutas prohibições, ou por sobrecarrêgo de Direitos, e restricções de muitas sortes: e ainda que os mais eminentes escriptores sobre a Economia politica, tem tido differente opinião sobre a sabedoria e efficacia de taes expedientes com tudo, nunca jamais forão estes considerados como offensas da lei das Nações, e menos como usurpações e tyrannias. Actualmenté muitos Governos, que mais se queixão contra o Governo Britannico tem feito em muitos artigos restricções insupportaveis, segundo julgão convir ás suas situações e necessidades; e em algumas, as repulsas e os vexames dos estrangeiros são tanto ou mais prejudiciaes que o *Acto da Navegação* de Inglater-

ra. O não terem elles tambem o seu *Acto de Navegação*, não he prova de sua magnanimidade, e de attenção ao interesse e bem de seus vizinhos: á isso são forçados por circumstancias, que fazem tal Acto impraticavel a seu respeito: e em todos os mais regulamentos, manifestão adoptar principios duros, egoisticos, intolerantes, e illiberaes.

O indisputavel direito que o Governo de qualquer Nação tem de promover a industria do seu paiz por todo o methodo que não faça injuria aos outros, he ainda ainda mais corroborado e confirmado, quando se applica á huma especie particular de industria, que não só he util, mais tambem he absolutamente necessaria á sua segurança. O paiz cuja existencia requer a manutenção de numerozo exercito he plenamente authorizado a prohibir, por severas leis, que os seus vassallos entrem em serviço estrangeiro. Hum paiz que não produz sufficiente trigo, que segure a seus habitantes dos perigos de fome, tem innegavel direito de prohibir por Estatutos penaes a exportação de todo o seu trigo. O paiz cuja *segurança e independencia* inteiramente se fundão sobre grande *Marinha*, tem o mais indisputavel direito de restringir as relações commerciaes com as outras Potencias, pelos regulamentos que julga proprios a obter aquelles primeiros objectos de todo o Governo e Legislação. Tal he o caso de Inglaterra. A sua segurança e independencia está na sua

Marinha; e grande Marinha, não se pôde formar sem extensa Navegação: crear pois extensa Navegação he o primeiro e necessario objecto da Legislatura Britannica.

Isto basta para mostrar, que o Acto da Navegação (que faz parte da Policia interior de Inglaterra) não se pôde, por principio algum de verdade e justiça, accusar como huma providencia destructiva dos interesses das outras Nações, e muito menos como huma continua conspiração contra os direitos das mesmas. Ella trata de si, sem intenção de injuria aheia. Negar-lhes os meios de manter a vida, he negar-lhe o direito da defeza natural.

Agora he questão differente examinar, se tal Regulamento restrictivo da franqueza do Commercio, he coherente aos principios de huma Policia sabia e liberal. Não haverião outros methodos de animar a industria nautica de Inglaterra, que causassem menos detrimento e ciume ás mais Nações?

Geralmente fallando, he justo Principio de Economia Politica, que são prejudiciaes todas as leis, quando impedem ou restringem o curso natural, e a progressiva expansão, da industria humana; quando forçadamente a impellem á novos canaes, ou a dirigem para huma parte para onde aliás naturalmente não se encaminharia; e quando seria o seu progresso á custa da liberdade da mesma industria. O Acto da Navegação não se conforma á este Princi-

pio liberal: pois força, aos habitantes de Inglaterra a extrahirem immediatamente os productos que precisão dos paizes estrangeiros, transportando-os nos seus proprios Navios, ou a ficarem inteiramente, ou em grande parte, privados de taes productos. Tal Acto consequentemente obriga a desviar muito maior porção de trabalho e capital para o commercio estrangeiro do que aliás iria para elle no curso natural das cousas, se fosse livre ás outras Nações participarem do Commercio de transporte desses productos, não tendó restricção de sua importação para Inglaterra. Essa Policia véda aos Inglezes o empregarem a industria nautica dos estrangeiros, ainda, quando assim o exigisse o proprio interesse: ella obsta que os mesmos Inglezes possão comprar muitos artigos estrangeiros mais baratos, se fossem importados por outras Nações, forçando-os a comprallos mais caros a seus naturaes: ella lhes prohibe o uso de Embarcações estrangeiras, ainda quando aliás o frete destas fosse mais em conta que o das Naciones, e em que consequentemente podessem fazer importar com mais commodo e baixo preço, os generos de paizes estranhos. Portanto o Acto da Navegação, considerado em face dos Principios Geraes de huma Economia politica illustrada, não he menos censuravel, que todos os outros Estatutos prohibitivos da franqueza do Commercio.

Mas ha circumstancias que ás vezes cons-

títuem o dever do Governo apartar-se, em casos particulares, dos Geraes Principios da Economia do Estado, quando temporarios, ou talvez permanentes, interesses obrigão á considerações de mais importancia que algumas das ordinarias maximas de Administração. O Acto da Navegação de Inglaterra deve á sua existencia ás imperiosas circumstancias desta natureza. A fim de formar huma contrabalança aos Estados poderosos do Continente, e proteger o seu territorio ( que, sendo composto de Ilhas, só pôde ser defendido por forças navaes ) e manter a sua independencia, o Governo Inglez he obrigado a usar de todo o esforço de erigir e sustentar huma poderosa Marinha. A importancia deste objecto justifica as severas leis penaes que se achão constituidas. Por elle os Inglezes são compellidos a cultivar com os seus proprios Navios, marinheiros, e capitaes, muitos ramos do Commercio estrangeiro, que aliás terião permanecido, parte ou inteiramente, nas mãos das Nações rivaes. Isto serve de forte estimulo á Marinha Mercante da Gran Bretanha, que vem por tanto a ser o viveiro da Marinha Real, e o importante instrumento da segurança e grandeza do Estado, e isto de modo mais rapido e effectivo, do que se se deixasse tal industria ao curso natural das cousas.

Mas não nos devemos jámais esquecer, que, em conformidade aos genuinos Principios de Economia Politica, o Acto da Navegação,

que segura aquelles essenciaes objectos, long; de ser vantajoso á *Geral Industria* da Nação; vem, ao contrario, a ser hum expediente prejudicial que a restringe de se estender pelos ramos que darião maior riqueza, e que faria mais rapidamente augmentar os capitaes da Nação; pois, em consequencia de tal Acto, não pôde ter os generos estrangeiros, e os fretes dos proprios, tão baratos como aliás o teria com a franqueza do Commercio; e por isso não pôde ter tanto consumo e goso de bens, e antes he forçada a dispender e economisar mais, em prejuizo da possível e progressiva accumulção dos fundos do paiz, que sempre mais crescem em proporção que pôde, no geral, ter o seu supprimento em cada anno melhor e mais barato, pela concurrencia da industria dos nacionaes e estrangeiros. Por tal Acto, a Inglaterra passa por todos estes sacrificios, e o povo á elles de boa vontade se subm.ette, para melhor estabelecer a sua segurança, e independencia.

Em negocios de Commercio, o verdadeiro interesse de cada Nação requer a mais extensa competencia dos que concorrem a supprilla do necessario e commode á vida. e a mais irrestricta liberdade de comprar e vender, a fim de ter a maior possível vantagem, que elle possa dar a sua industria e situação. Aquelle Acto infringe esta liberdade e muito diminue aquella competencia. Considerando-se pois o tal

Acto por este lado, e ponto de vista, longe de ser proveitoso ao Inglezes, quanto ao Commercio estrangeiro, lhes he, de facto, indirectamente prejudicial. Mas a Politica manda que se olhe primeiro para a segurança, e depois para a opulencia.

Nenhuma pessoa instruida nos verdadeiros principios da Industria e Riqueza das Nações, e da historia do Acto da Navegação de Inglaterra, pôde ignorar que tal Acto não tendeo a prejudicar a todas as Nações, e que só foi delineado por *Cromwel* para diminuir huma das grandes fontes do Commercio da Hollanda, então inimiga de Inglaterra, e sua rival no commercio de *carreto*. Ella principalmente, e outras que o fazião, sem duvida, em consequencia de tal Acto, ficarão para sempre privadas do Mercado Britannico nesta especie de industria. Mas o mesmo Acto não prohibe directo trafico dessas mesmas, ou de quaesquer outras, Nações, que levarem á Inglaterra as produções de sua propria terra e industria, que não encontrão com as produções da terra e industria Britannica. Nem estas Nações tem direito de se queixarem das restricções que alli ha da importação de suas mercadorias, estabelecidas pelas Leis Inglezas, ou de total prohibição, ou sobrecariêgo de Direitos; pois que taes restricções emanão unicamente do Systema e Policia Mercantil adoptado em todos os Estados da Europa.

O Acto da Navegação pois não arruina,

a industria das mais Nações; só as exclue do mercado de hum paiz, quanto á industria do *Commercio do carreto*; (\*) e lhes deixa abertos os mercados do resto da Europa, que assás as consola e indemnisa dessa perda. A experiencia tem mostrado, que nem Hollanda, nem Hamburgo, nem algum dos Estados empenhados neste Commercio, tem sido arruinados ou consideravelmente prejudicados pela falta de seu Commercio de carreto á Inglaterra. Se esta rambem se apropriou e segurou o exclusivo Commercio de suas colonias nada tem nisso feito mais do que os Estatutos Maritimos de todas as Nações, que tem Colonias, em favor dos seus respectivos Systemas Coloniaes. Se nisso não faz bem, nenhuma Nação pôde lançar-lhe em rosto essa economia, estando no mesmo erro, ou sendo complice de igual monopolio: ao menos a Inglaterra tem a excusa da necessidade de de extender a sua marinha.

Dizem os Accusadores do Acto da Navegação: se cada Governo da Europa fizesse tal Acto, e tivesse feito semelhantes leis contra todas as outras Nações, a Humanidade teria soffrido grande perda. Esta observação he justa:

---

(\*) Este he o chamado, *Commercio de frete*, ou *Commercio de economia*, pela qual humas Nações vão buscar em seus Navios, as producções da terra e industria de outras Nações, para paizes differentes do seu.



porém o mal que aponta, só se poderia conceber e temer em huma supposição muito improvavel; a saber, que todos os Governos tivessem inteiramente desconhecido os seus verdadeiros e mais obvios interesses, ou quizessem extravagantemente sacrificallos, pelo odioso desejo de fazer em certa perda sua, mal aos seus vizinhos: pois na verdade (e nunca assás se repetirá a seguinte Maxima) todo o Estatuto que dá algum monopolio. causa hum damno pernicioso em summo gráo ao proprio paiz, em favor do qual se pensa estabelecello. Tal Lei sempre he injusta e absurda, á não haverem razões de summa importancia (como he a segurança e independencia do Paiz) que obriguem a fazer excepção da regra geral de Economia Politica; e se além disto a Nação não tem em si forças e recursos sufficientes a contrapezar o prejuizo que resulta de tal excepção, aliás sempre perigosa. Estas duas condições se reúnem sómente em favor da Nação Ingleza.

Ninguem pois de sólidos principios da Prosperidade Nacional, póde jamais considerar ao Acto da Navegação como o fundamento da grandeza commercial de Inglaterra mas só como o apoio de sua segurança e independencia. He, á despeito de tal Acto, e não por meio delle, que o seu commercio estrangeiro tem adquirido tão prodigiosa extensão. O seu extraordinario augmento e progresso procedem de outras causas e não são a creatura do Acto da Nave-

gação. Se tal lei se fizesse e executasse em algum outro paiz, destituído das vantagens naturaes de Inglaterra, e do character e recursos de seus habitantes, teria sido o signal de immediata aniquilação do respectivo commercio, e de supressão de toda a industria, e destruição de todo o incentivo para empreza e actividade em muitos essenciaes ramos da sua economia interior.

*Resposta quanto ao intitulado Monopolio, procedido do ascendente do Commercio Britanico.*

**A**S possessões dos Inglezes nas Indias occidentaes são inconsid-raveis em comparação dos grandes Estados do Continente d' America, que lhe não pertencem; e as que tem n' Asia e Africa em nada prejudicão ás Nações da Europa; humas e outras não são a causa principal da grandeza do commercio e poder Britannico.

A presente superioridade Commercial de Inglaterra resulta de dous principios, que não tem connexão entre si; a saber; hum que já era existente antes da revolução da França; e outro que sobreveio depois della. Aquella se pôde dizer *causa positiva*, e esta *causa negativa*. A primeira he superior e constante, a segunda subalterna e transitoria.

A incomparavel actividade da Nação In-

gleza ; a extensão do seu capital ; os seus maravilhosos adiantamentos em todos os generos de machinas e invenções nas artes ; a grande pericia da sua gente de mar ; os trabalhos de seu Governo , que procura sempre instruir-se nos seus reaes interesses ; a excellencia de sua Constituição interna ; a diffusão de sua literatura , e papeis publicos ; o seu character individual e politico ; formão a primeira e principal base do ascendente do seu commercio estrangeiro. Esta primeira e principal causa de sua riqueza e potencia , he independente de todas as mudanças e revoluções que hajão no resto do mundo. A ella deve o poder vender melhor e mais barato as suas producções e manufacturas que as outras Nações , e por tanto o ter a preferencia no mercado destas , de modo voluntario , sem offensa nem exclusão forçada de ninguem.

A este primeiro principio constituyente de superioridade Commercial da Gran-Bretanha , se acrescentou outra causa no curso da presente guerra ; cuja causa todavia , comparada com a primeira , se póde chamar *causa negativa*. Como as Nações que antes tinham a sua partilha no Commercio geral forão reduzidas á inactividade e impotencia por huma serie dos mais deploraveis infortunios , a Inglaterra veio por isso a fazer quasi só todo o Commercio existente na Europa. A França vio arruinar o seu capital , as suas manufacturas , a sua industria , o seu com-

mercio , e a sua navegaçãõ , entre as convulsões de huma anarchia a mais ruinosa. Ainda que os Estados Unidos d' America fizessem alguma porção do Commercio das arruinadas Nações Maritimas da Europa , com tudo não o poderão compensar: por tanto a maior parte do Commercio transatlantico foi concentrado na mão dos Inglezes.

Destas causas emanou o que agora a França invejosa e malina , chama o *Monopolio do Commercio Colonial*. A *intrinseca , peculiar , e positiva* superioridade dos Inglezes , que existia antes da revolução da França e de que se tem feito tão injustas e erroneas queixas , foi sempre a primeira e principal causa da arguida preponderancia , a qual alias não injuria a Estado algum ( não tendo a Inglaterra culpa de que as mais Nações tenham menos actividade e industria , e inferior constituição politica). Se este paiz não tivesse aquella decisiva superioridade , todos os Estados da Europa , com o respectivo Commercio e Colonias ; se terião arruinado pela revolução franceza , sem adiantarem , em cousa alguma a presente Commercial grandeza da Gram-Bretanha : mas possuindo esta Nação aquellas particulares vantagens , e tambem a extraordinaria habilidade de poder conservar esse manancial , e fundamento das mesmas vantagens , pôde , ainda no meio da guerra , ficar só em campo , quando todos os Estados seus rivaes desaparecerão.

Supponha-se porém que esse arbitrario e absurdo titulo de monoplio e tyrannia fosse hum mal positivo ás outras Nações ; seria com tudo iniquo , e até ridiculo , tratar a semelhante monopolio como crime do povo Inglez e de injustiça , alevosia , e usurpação do seu Governo. O primeiro principio do ascendente Commercial de Inglaterra , e a verdadeira e immediata causa do mesmo ascendente , não serão jamais objecto de seria arguição á hum povo. Como se pôde em boa fé arguir á Nação Ingleza de ser mais industriosa e activa que as outras , e ser mais perfeita nas suas obras , e poder vender mais commodamente ?

Tambem a Inglaterra não pôde ser responsavel pelo segundo principio de sua actual grandeza Commercial ; porque a revolução franceza com todos os males della resultantes , foi só huma occasião e causa accidental de poder a Inglaterra extender e manifestar mais explicitamente a sua superioridade já antes preexistente , e determinada pelos , comparativamente a outras Nações , bons principios de sua economia interior.

A Inglaterra nem desejou , nem effeituou a revolução franceza , nem as internas convulsões da França , nem a ruina das suas Colonias , nem a subversão da Constituição de Hollanda , nem a alliança da França com a Hespanha (\*).

---

(\*) Que diria Mr. Gents se tivesse escripto depois da atrevida subversão que a França fez desta sua Alliada ?

Ao que se chama *monopolio do Commercio do Mundo*, Inglaterra contribuiu em huma parte sobre que ninguem pôde com justiça accusalla; o resto se completou por circumstancias que Inglaterra nem poderia prever, nem dirigir, nem apartar.

As Nações activamente empenhadas no Commercio Colonial antes da Revolução, necessariamente são prejudicadas no prezente estado de cousas. Hum dos mais importantes ramos de sua industria lhes foi cortado, e muitos outros, mais ou menos ligados com elle, forão consideravelmente estreitados. A repentina destruição de seus Systemas Coloniaes, não só diminuiu o seu Commercio Estrangeiro e Nacional, mas também foi causa de muito se encurtarem as suas manufacturas, e a circulação da moeda: ella diminuiu todas as sortes da riqueza particular, e muitas das fontes da sua potencia politica. A certos respeito, esse infortunio foi mui grave, e irreparavel.

Porém he mui differente o caso a respeito da maior parte da Europa, isto he, dos consumidores dos productos coloniaes. O immediato interesse das Nações que não tem Colonias he a facilidade de comprarem os productos coloniaes a baixo preço: alcançando isto, he-lhes indifferente, se os Estabelecimentos das Indias Orientaes e Occidentaes, e o seu commercio, são repartidos entre muitas Nações, ou concentrados em huma só Nação. O seu ganho con-

siste em comprar taes Generos áquella que lhe segura a venda pelo mais commodo preço no Mercado Geral: e só poderia ser prejudicada, se tal Nação pelo monopolio adquirido tivesse em seu arbitrio levantar os preços de modo lesivo.

He muito geralmente crido na Europa; que Inglaterra está nas circumstancias de dicar essa lei á todos os consumidores dos productos das Indias Orientaes e Occidentaes; e varias Nações são induzidas a crello, parte porque perderão as suas Colonias, e parte pelas declamações da França, que, sempre inimiga de Inglaterra fomenta essas animosidades politicas das outras Nações. Com os seus prejuizos, e artificios hostis, concluiu a maior parte da gente ( que pouco entende dos principios de economia politica ) que Inglaterra tem por aquelle modo estabelecido o seu monopolio, pelo apparentemente plausivel theorema, que, assim como em qualquer mercado a concurrencia dos vendedores he a causa primeira da barateza dos generos, e o monopolio de poucos vendedores a occasião de seu alto ou exorbitante preço; igualmente no Mercado Geral da Europa a concurrencia das Nações vendedoras dos Generos Coloniaes deve fazer diminuir os seus preços; e que, ao contrario, hum augmento, e de mero arbitrio, dos mesmos preços, deve ser a inevitavel consequencia de estar o monopolio de taes Generos nas mãos de hum só Estado.

As seguintes razões me fazem persuadir que tal opinião he sophistica, ainda que seja geralmente recebida.

Em 1.<sup>o</sup> lugar: he impossivel que hum povo inteiro forme hum colloio e accordo para, absoluta e necessariamente não vender os seus Generos senão por hum certo arbitrario, e exorbitante preço. Huma Nação commercial não he senão huma multidão de individuos Commerciantes: ora cada individuo, no seu trafico, estrangeiro ou nacional, sempre obedece ás máximas que lhe são dictadas pelo proprio immediato interesse. Cada pessoa he o competidor natural de todos os concurrentes no seu ramo de negocio. Se cem pessoas em hum Estado Commercial fizessem huma conspiração para estabelecer hum preço arbitrario, e contra o natural valor das cousas, sempre se acharião cem outras, que estarião promptas para fazerem huma venda mais extensa, e darem os generos mais baratos, contentando-se com menor ganho: e esta natural porfia destruiria as combinações e colloios dos outros monopolistas, e reintegraria o artigo de Commercio no seu *preço natural*, ou racionavel valor nas circumstancias do tempo e lugar, e seria tal preço reduzido I. ao valor do producto; II. ao valor e encargo do frete e seguro, III. ao ordinario proveito do capital do Commerciante.

Em 2.<sup>o</sup> lugar. A grande alta de preços que tem havido nos Generos das Indias Orien-



taes e Occidentaes nestes ultimos annos, he tão cabalmente explicada por tantas obvias causas, que absolutamente se convence o erro de se attribuir tal effeito ao monopolio de Inglaterra. Se, além do constante e necessario levantamento de preço em todos os artigos de mantimentos (incluindo tambem os dos productos Europeos que se exportão á America) que acontece no curso ordinario das cousas, attendermos ás circumstancias extraordinarias que tem tendido, desde a revolução e guerra, á augmentar o valor dos Generos Coloniaes; se considerarmos as calamidades que tem acontecido ás Colonias mais ricas; a ruina da industria a destruição dos capitaes em tantos Estados de Europa, e o effeito destes infortunnos sobre as facultades productivas de todas as Nações; se considerarmos os perigos da Navegação, que augmentão o preço dos seguros, e diminuem os ganhos do Navegante, ainda nos mais poderosos paizes maritimos; se mettermos em conta a grande massa da real e substancial riqueza, que a guerra tem feito distrahir dos objectos productivos, não menos em Inglaterra, que no resto da afflictta Europa; todas estas circumstancias serão sufficientes para dar a razão dos altos preços dos productos das Colonias, como a natural consequencia das ditas calamidades. O presente ganho do Commerciantes Ingles na venda de tal producto certamente não he agora maior do que o era ha

vinte annos antes; e ha razão para se crer que ainda o he menos. Os Commerçiantes de Londres que fazem o Commercio para os Indias Occidentaes, já duas vezes no curso da presente guerra tem sido obrigados a supplicar ao Governo assistencia; e este lhes adiantou consideraveis sommas, para os remir dos mais urgentes vexames. A Companhia das Indias Orientaes tem antes accrescentado as suas dividas do que as suas riquezas. Por tanto as duas classes, que só, ou mais que todas as outras, se tem aproveitado dos altos preços dos productos ultramarinos, ainda suppondo-se que tal preço fosse dictado por hum monopolio arbitrario, não tem na realidade obtido extraordinarios lucros e até lhes tem sido difficil segurar os ganhos ordinarios.

A respeito dos Consumidores, o ponto importante sobre serem suppridos de Generos Coloniaes por este ou aquelle povo da Europa; vem a ser o gráo de industria e riqueza da Nação com que tem a tratar, e receber os seus supprimentos. Sendo duas Nações vendedoras iguaes á todos os respeitoes, a mais rica e industriosa sempre venderá á mais baixo preço. Quanto maiores forem os seus capitães, e mais activa a sua industria e mais perfeita a arte e habilidade empregada em seus negocios, tanto as suas faculdades de produzir serão maiores, e em consequença as suas obras serão feitas com maior brevidade, perfeição, e menos trabalho;

e por tanto menos equivalente exigirá do Consumidor.

As produções das Indias Orientaes e Occidentaes nos mercados da Europa, são os fructos do capital, trabalho, industria, e navegação das Nações que para ali as conduzem. Em todos estes pontos, o povo Britannico está sem rival. Nenhuma Nação pôde produzir, transportar e consequentemente vender tão barato como os Inglezes. Em quanto as mais Nações continuarem a não possuir as mesmas vantagens e recursos, para terem a possibilidade de venderem aos mesmos preços que a Nação Ingleza; em quanto perseverarem na incapacidade de fazerem outro tanto; predominará sempre a vantagem de Inglaterra em adquirir preferencia nos mercados; e o que imprópriamente os seus inimigos intitulão *monopolio Inglez*, vem a ser manifesta vantagem do consumidor em todas as partes da Europa. Isto he fundado tão claramente nos mais simples principios de economia politica, que he difficil imaginar, como a arte do sophisma pôde escurecer tal evidencia, prevalecendo-se dos prejuizos do vulgo.

Deve-se ainda notar em favor de Inglaterra, que a sua Policia Commercial he actualmente, comparada com as demais Nações, a mais liberal, principalmente de vinte annos a esta parte; pois que desde esse tempo em nenhum Estado da Europa os reaes principios

da Economia Politica se tem tão diligentemente desenvolvido, nem tão extensamente praticado como em Inglaterra; *ella mais que algum outro paiz* tem abandonado as mesquinhas e illiberaes maximas de Commercio, propagadas e sostenidas por homens de estreito entendimento. *Digo mais que algum outro paiz*; pois deve-se confessar, que nem ainda Inglaterra se tem nesta materia elevado á mostrar-se perfeitamente superior aos erros vulgares.

*Resposta contra o Monopoliõ arguido á Inglaterra a respeito de seus Dominios Ultramarinos.*

Quando o desenvolvimento das faculdades humanas, e os adiantamentos civis e sociaes da nossa Especie chegarão ao ponto, para que a Europa gradualmente tendia no decurso dos tres seculos passados, todas as Nações sentirão impulso e ardente desejo de estabelecer hum permanente systema de Connexão e Commercio com as mais remotas partes do mundo. O amor do goso, a sede de conhecimento, novas precisões, e novas forças de industria, os dictames da razão, e os attractivos das paixões sociaes, ora combinão para este effeito, por huma propensão irresistivel. O que foi, na sua origem, sómente espirito de aventu-

ra, gradualmente se converteo em actividade systematica: o que ao principio era superfluidade, veio a ser depois de uso regular e commum; e as produções das mais distantes regiões se constituirão artigos de diaria necessidade; o mar e a terra se povooou da especie humana; e a navegação, commercio, e colonisação por todo o Globo, se pozerão na mesma linha das mais simples occupações de agricultura; e manufacturas domesticas.

O illimitado progresso da industria; e a illimitada multiplicação de seus materiaes, e seus instrumentos e objectos, são hoje o destino da humanidade. A civilisação não he já privilegio exclusivo deste ou daquelle povo favorecido; ella se espalhará sobre todo o globo habitavel, no andar dos tempos. Se considerarmos com relação a este objecto inestimavel os Estabelecimentos dos Europeos nas outras partes do Globo sem duvida esses Estabelecimentos são successos afortunados e gloriosos, não obstante os males que os acompanharão: e se perdermos vista das consequencias que são de esperar tudo he enigma, duvida, e escuridão. Serião milhões d'homens destruidos para que talvez mais feliz raça se estabelecesse sobre as suas sepulturas? Como he possivel que guerras destructivas, trabalhos oppressão e intoleravel escravidão, servissem de alicerce á mais nobre obra do homem? A razão humana se perde nestas inexplicaveis contradicções, entré a grandeza

e sublimidade do fim, e a baixeza e horribilidade dos meios.

Força e injustiça ( com poucas excepções ) serão as bases dos Estabelecimentos de todas as Colonias, e Dominios Ultramarinos. Nenhuma Nação pôde nesta parte arguir á outra, tendo-se por innocente, e com tudo todas tem participado das vantagens dos mesmos estabelecimentos. Só devemos desejar e esperar que a sabedoria de algum seculo mais illustrado produza em fim pela geral actividade, industria, e correspondencia mercantil de todas as Nações, esse feliz estado ( que a Philantropia agoira ) da *Sociedade Universal*, em que todos os membros da Grande Família do Genero Humano em todas as partes habitaveis, coo- perem e se ajudam, trocando á convenção das partes, o correspectivosperfluo fructo de seu paiz, capital, engenho, e trabalho, que he do interesse, e commum instincto e sentimento de todos, e proprio a segurar o reino da paz e justiça sobre a terra.

Como as Potencias de Europa não podem manter a devida communição com os seus Estados Ultramarinos, senão por meio de extenso Systema Commercial, consideremos como tal systema se possa modificar em conformidade aos geraes interesses da Europa.

Pôde-se estabelecer como justo Principio Economico, que humia igual participação de todos os Estados Maritimos nas vantagens do

Commercio e Colonisação, seria a constituição mais benefica de tal systema.

Ora, a respeito dos Inglezes, ainda que possuão as mais fertéis regiões das Indias Orientaes, e tenham ahí fundado o maior imperio conhecido desde o reino dos Mogoles, e, em consequencia d'elle, extraião as mais ricas produções da terra e industria de tão vastos paizes, e ellas sejam transportadas á Europa em seus proprios Navios, e tenham além disto aberto mui extenso commercio com as costas orientaes d'Asia, e particularmente com a China, tirando grande copia de valiosos artigos, principalmente do chá (que hoje he da primeira necessidade para Europa); com tudo os Inglezes não são os Senhores exclusivos do Commercio d'Asia. Além de que as suas vantagens mercantis de tal Commercio, são muito contrabalançadas pela despeza dos Estabelecimentos Militares; pois que estabelecimentos contra a natureza das cousas não se podem sustentar senão por meios desnaturaes e ruinosos. Por isso he notorio que a Companhia das Indias tem varias vezes estado no perigo de fazer bancarrota.

Para segurar-se o Commercio da Europa com a China he agora absolutamente necessario que a Peninsula da India seja governada por alguma grande Potencia Militar da Europa, capaz de a proteger. Se tal potencia se aniquilasse, perder-se-hião necessariamente por mui-

ro tempo todas as connexões da Europa com a Asia. No presente estado de cousas, o Imperio dos Inglezes nas Indias Orientaes não he sómente o fundamento de seu Commercio n'Asia, mas tambem segura ahi o de todas as Nações: e como tal Commercio he hum objecto da primeira importancia á todos os povos, o imperio Britannico nesta parte do mundo deve ser considerado como de geral beneficio, e pôde, de certo modo, ser havido como propriedade commum.

Além das causas da geral queixa contra a Inglaterra por causa do monopolio do producto Colonial que se lhe imputa, ha outra que nasce da ignorancia dos verdadeiros principios da riqueza nacional. De annos a esta parte, se tem augmentado na Europa o consumo dos Generos Coloniaes. Nenhum esclarecido Homem de Estado achará difficuldade de explicar a causa disso. e menos terá razão de se lastimar deste evidente symptoma da progressiva prosperidade dos povos, que podem ter e pagar taes consumos com os productos da sua terra e industria, excitada esta com mais extenso e energico trabalho de todas as classes para terem mais gosos. Todavia muitos Estadistas da Europa lamentão esse consumo como desgraça nacional, porque dizem, occasiona o luxo e esgotto do dinheiro para as Nações que tem Colonias, e mais ainda para os Inglezes.

He inutil incommodar aos leitores para mostrar que nisso não he infortunio para as Na-



ções que tem contra si a que chamão *balança desfavoravel*; pois, conforme aos genuinos principios de Economia Politica; não se deve dar o nome de mal e infortunio á possibilidade de se estender o consumo e gozo dos dons da Natureza, e á sahida do dinheiro em Nações activas, industriosas, e Comerciantes, que reembolsão e contrapezão com a balança favoravel de huns paizes a balança desfavoravel que tem no seu trafico mercantil com as outras. Não he de admirar que os que tem vista curta, e mesquinhas idéas dos meios da prosperidade das Nações, se obstinem nos erros do caduco systema Mercantil, e por cego odio contra Inglaterra, que tem mais extenso Commercio dos generos Coloniaes.

Mr. *Hauterive* chega ao excesso de accusar aos Inglezes de sua incessante assiduidade em investigarem e fazerem estabelecimentos até nas regiões até gora não exploradas, e em paizes desconhecidos na Europa, á que, diz, já tem posto nomes *Inglezes*, accrescentando, que outras, ainda não descobertas, estão já a esperar *appellidos Britannicos*. Elle invectiva contra os seus descobridores, porque examinão todas as costas, e calumnía ao Governo de Inglaterra, porque os seus agentes sujeitão todos os districtos maritimos ao seu Commercio, e offer-tão a sua amizade aos Principes a que essas terras pertencem. Vê-se n' Africa espectáculo semelhante: viajantes Inglezes, inflamados com

a sede de descobrir paizes ignorados pelos Europeos, ali perecem, e são seguidos de successores impacientes de substituir-lhes; sentindo huma insoffreguidão e insaciabilidade de descobertas de paizes, objectos, e ramos de trafico, procurando anticipar-se e preoccupar o Commercio de Nações mais ricas que os dominios de Montezuma. Não adverte aquelle declamador que nisso dá os melhores titulos de fama e gloria á Gran-Bretanha, pelos beneficios que, com tantos seus arduos riscos e dispendios, vem fazer não menos á si, que á todas as Nações, e á posteridade.

He huma chimera (que não sustenta o exame da razão e experiencia) imaginar-se, que qualquer ainda o mais forte e extenso monopólio dê possibilidades á todos os individuos de hum Estado, a impôr arbitrarios preços sobre os compradores em todos os mercados da Europa. Ainda, suppondo-se que o Governo de huma Nação Commerciante seja tão cego, e sem senso commum que pozesse todos os ramos de Commercio externo nas mãos de Companhias exclusivas, e realmente monopolisadoras; ainda nesse caso (de nenhum modo provavel) as Companhias privilegiadas á final reconhecerião ser impossivel sustentar hum preço arbitrario nos objectos do seu monopólio: pois então o Systema do contrabando seria logo levado á tal extensão, que obrigaria aos monopolistas a abaixarem os seus preços, ou

a desistirem absolutamente das vantagens dos seus privilegios.

Daqui não se segue que não seja de importancia para a Europa, que todos os Estados, que ainda tem, e antes tinham, possessões nas Indias Orientaes e Occidentaes, e cuja industria tem sido cortada ou agrilhoadada pela revolução, e guerra, recobrem o uso e posse de seu antigo poder, ou cessem da languidez e inactividade á que as presentes circumstancias os condemnão. O verdadeiro interesse da Europa consiste na maior possivel prosperidade de cada huma das suas Partes componentes, e no mais alto possivel gráo de riqueza em todas as Nações agrícolas, manufactureiras, e commerciantes: elle tambem requer, que, em qualquer circumstancia, cada Nação possua certa justa partilha (isto he, a mais exacta e igual que seja possivel) do *monte mor* da riqueza geral (incluindo o producto das Indias Orientaes, e Occidentaes) que possa caber á sua particular situação, á natureza da sua industria, e áquella disposição e capacidade, que he necessaria para o desenvolvimento das respectivas potencias productivas. Neste ponto de vista não só o cosmopolita philanthropico, mas até o esclarecido Homem de Estado, sendo instruido e firme nos solidos principios de Economia politica, desejará, que todo o paiz que tem oportunidade para expedições maritimas, goze de seu devido e proporcional quib

nhão de Commercio, e Dominios Ultramarinhos. Mas não devemos confundir esta Politica justa e liberal com as fatuas, ainda que mui communs, opiniões, que servem de fundamento, ou pretexto, de todas as queixas contra a superioridade commercial de Inglaterra. Tais queixas são feitas por homens á quem são desconhecidos os grandes objectos dos Interesses da Sociedade, e os genuinos Principios de que depende a Prosperidade das Nações. Se estes fossem bem e geralmente entendidos, já se terião reduzido á silencio as declamações contra a Inglaterra.

*Resposta contra o arguido Monopolio das  
Manufacturas Inglezas.*

O Commercio Colonial dos Inglezes, não obstante a sua grandeza he sómente hum objecto secundario na massa geral da industria Britannica. As suas Manufacturas são o principal e mais fructifero manancial da parte da riqueza e potencia, que esta Nação tira do Commercio.

Mr. *Hauterive*, com muitos outros escriptores Francezes, tem descripto a preferencia alcançada pelas manufacturas Inglezas em todos os mercados da Europa como hum jugo insupportavel huma servidão penosa e hum tributo humilhante á todas as Nações. Elles dizem que a riqueza de Inglaterra

ra tem subido á hum grão fóra do natural; pela pobreza que tem causado aos Estados d'Europa: e que, á proporção que esta sua riqueza cresce, tambem se augmenta, no mesmo parallello, o poder que adquire, para apertar, confirmar, e perpetuar os ferros oppressores e ignominiosos, com que todos os Governos, e paizes se achão mortificados, e reduzidos á huma desesperada inactividade. A aniquilação da independencia da industria das Nações cultas (dizem) conduz á destruição de toda a liberdade; e Soberania Commercial dos Inglezes se constitue o fundamento do seu despotismo politico; e assim o Governo Inglez vem a ser cada vez mais o Legislador, e o Tyranno da Europa.

O mais leve exame desta desfavoravel pintura e desta linguagem declamatoria de lisonjeiros sophistas, que arengão infinito sem darem huma só prova, basta para mostrar, que os fundamentos de taes queixas são, á muitos respeito, arbitrarios, absurdos, e insustentaveis.

A decisiva, e quasi exclusiva, preferencia dada ás manufacturas Britannicas nos mercados da Europa, vem a ser o effeito de escolha, e não de alguma força que os Inglezes fação para lhes serem compradas: esta preferencia lhes he livremente dada, continuada, e confirmada; pois que Inglaterra não tem os meios de introduzir as suas producções, e fazellas obrigatoriamente vender em parte alguma. Se a extracção de taes producções;

tão prompta, e extensamente consummada, que elles achão em toda a parte, fosse destructiva da industria, e tendente a pôr em abatimento e dependencia a todos os outros paizes ( como os inimigos de Inglaterra inculcão ) seria incomprehensivel, como tantas Nações ainda se submettão voluntariamente á hum jugo, que está na sua mão sacudir. E quando se suppuzesse que tão obstinadas crão as preoccupações, e tal o encantamento dos povos, em receberem as manufacturas Inglezas, e que, por geral demencia, preferissem as suas manufacturas; porque razão os respectivos Governos não tem até agora feito todos os possiveis esforços para impedirem a entrada desse supposto veneno consumidor de seus Estados; vendo-se antes ao contrario, que, ainda a pezar das balonetas, e ameaças do Governo Francez sobre todos os Estados subjugados, e seus dependentes, tributarios, ou influidos, continúa sempre o contrabando Inglez, com ancia, e mil perigos de perdas e tomadias, e todas as classes de mandão mercadorias Inglezas?

A força destes argumentos he capaz de convencer até as pessoas de infima capacidade, ainda que ellas sejam inhabeis a distinguirem as relações entre a causa e o effeito, neste grande e regular phenomeno economico politico; e admira, que tão obvias considerações não tenham destruido as teias de aranha das trapaceas francezas.

A' vista das queixas que a França faz da

tyrannica oppressão da industria Inglesa , naturalmente occorre perguntar , o como esta industria , tão aborrecida e detestada , e que se diz ser a causa dos infortunios , miseria , e ruina da Europa tem podido manter tão pacificamente a sua prerogativa , desde que foi adquirida ? Porque razão todos os individuos e Governos ( se não fosse a actual violencia e a compulsão de Potencia Superior ) não se tem já mais ligado para excluir as manufacturas Britannicas de todos os mercados , e assim , por hum esforço varonil , quebrar os ferros que os encadeão ? A resposta he obvia : o seu proprio interesse o prohibe : porque , ainda que elles não tenham hum distincto conceito da natureza desse interesse , com tudo tem huma idea vaga , e senso intimo , da vantagem que os impelle a preferir as manufacturas Inglezas , e que he mais poderosa do que todas as supposições chimericas do prejuizo e ignorancia. Façamos esforço de desenvolver este sentimento intimo , e idea vaga ; tiremos-lhe a escuridade com que está involvida.

A superioridade da Gram Bretanha em suas manufacturas nos mercados de Europa , semelhante ao seu ascendente no Commercio Colonial , funda se em dous principios : hum *positivo* , e outro *negativo*.

O *principio positivo* he a intrinseca excellencia das obras de sua industria ; ou , em outros termos , as *particulares vantagens* porque

Inglaterra he habilitada, com menos esforço do que as outras Nações, a preparar manufacturas de igual bondade, fazendo-as melhor, com a mesma applicação e quantidade de trabalho, adquirindo por isso a possibilidade de offerecer nos Mercados da Europa, á mais comodo e baixo preço, mercadorias tão boas, ou ainda superiores ás de outros paizes; vindo por isso os povos com quem commerceia, a serem suppridos, em suas demandas, de artigos mais perfectos, ou mais baratos, do que outra Nação pôde vender. A razão desta intrinseca e particular excellencia das manufacturas Britanicas he obvia: ella he devida: I. ao progresso de quasi todas as artes que os Inglezes cultivão: II. ao extenso uso e melhoramento das machinas que empregão para abreviar e aperfeiçãoar o trabalho: III. á grandeza de seus capitães: IV. á agudeza do engenho e espirito do povo para emprehender tudo, e aspirar á perfeição em qualquer mão d'obra: ella he tambem a consequencia do caracter, habitos, policia, e constituição da Nação. Todas estas circunstancias contribuem a lhe produzir e segurar as ditas vantagens.

O principio negativo do referido ascendente he a comparativa fraqueza e indolencia das outras Nações; a sua ignorancia de economia politica; o seu desprezo de muitos ramos de industria que os Inglezes aproveitão. Todas estas cousas são consequencias de seus proprios de-



feitos; e por isso ellas se constituem necessariamente inferiores e dependentes da industria de Inglaterra.

A demanda de manufacturas Britannicas nos mais cultos paizes da Europa, e entre as Nações que tem semelhantemente levado a industria á grande perfeição, he consequencia e prova da positiva superioridade da industria dos Inglezes. Por esta superioridade he que ainda retem ( mais ou menos ) os mercados da Alemanha, e da maior parte dos paizes do Norte, e ainda da mesma França, antes e depois da revolução.

Elles gozão ainda de hum *superioridade negativa* em outros paizes de menos adiantamento em artes e riquezas, e menos industriosas que as referidas como por exemplo, na Russia, onde os Inglezes com seu capital e trabalho tem estabelecido manufacturas; e dahi tambem procede o ascendente que a sua industria tem adquirido em taes paizes.

Ora, sendo este dominio das manufacturas Inglezas em todas as partes da Europa hum consequencia da sua real e intrinseca excellencia, e comparativa barateza, ella por isso mesmo vem a ser claramente hum vantagem á cada Nação, e á Sociedade em geral não menos que á Inglaterra. He do interesse de todos os individuos procurar as mercadorias que precisão, preferindo o paiz que lhas vende de melhor qualidade, e mais baratas.

He do interesse de toda a pessoa ( e ninguém nisto se engana , deixado á si mesmo ) preferir os artigos de commercio vindos dos paizes estrangeiros á mais baixo preço , antes do que comprallos no proprio paiz , ainda sendo de igual qualidade ; e de certo o faz se póde adquiririllos dos estrangeiros , sendo ao mesmo tempo melhores e mais baratos : ora o interesse de todos individuos certamente constitue a vantagem de toda a Nação.

E na verdade , o interesse de toda a Nação he sempre supprir as suas precisões com a menor possivel despeza de trabalho e capital. Quanto for maior a sua economia a estes respectos , tanto será maior o excedente de seu redito sobre a sua despeza , para poder esse excedente ser applicado ao augmento do proprio fundo , isto he da sua riqueza positiva , e consequentemente para ulterior amplificação das suas potencias productivas.

Quando o Commercio estrangeiro de huma Nação he governado por estes principios ( que se fundão na ordem natural das cousas ) elle he sempre benefico e productivo. O interesse de classes particulares póde ás vezes estar de encontro com taes principios ; mas a vantagem da Communidade ( e ainda dos individuos dessas mesmas classes , considerando-se como fazendo parte da massa geral ) he inseparavelmente connexa com elles. Fabricantes , Comerciantes , Estadistas , que não creem em taes

princípios , podem continuar a suppor que a Nação se empobrece recebendo as manufacturas de outras Nações: porém o bom senso desprejudicado ha de logo entrever (o que se confirma pelo verdadeiro conhecimento das fontes da riqueza geral) que todo o ramo de commercio, qualquer que elle seja, sendo produzido pelo melhoramento da industria humana, he benefico á toda a Nação que delle se aproveita; tanto aos Compradores, como aos Vendedores. Fabricantes e Commerciantes, (e os Estadistas influidos por elles), forão os primeiros que levantarão o presente clamor, em que erão interessados para removerem concurrentes no mercado nacional, exaggerando a dependencia da Europa á respeito do ascendente da industria Britannica: os inimigos politicos de Inglaterra prevalecerão-se anciosamente deste clamor, que favorecia as suas vistas de ambição; e o que aquelles chamarão *dependencia*, e erro economico, estes qualificarão com a invectiva de *jugo intoleravel*, *fraqueza*, e *abatimento*. A ignorancia produzio estes absurdos; a preoccupação e fraude os acreditarão; e a falta de idéas justas relativamente aos principios de economia politica, tem feito que a ignorancia e paixão triumphassem, em hum seculo aliás a outros respeitois tão illustrado e tão justamente altivo pelos adiantamentos nas artes e sciencias.

Considerandó-se que a superioridade da in-

indústria Britannica tem actualmente por colum-  
 nas a fraqueza ou negligencia das outras  
 Nações, e os erros de seus systemas economi-  
 cos e politicos, sem duvida esta causa tem ef-  
 feitos prejudiciaes, não só á estes paizes, mas  
 tambem á sociedade civil; pois que he do in-  
 teresse do Genero Humano, que toda a Nação  
 tenha os possiveis melhoramentos em seus re-  
 cursos, e potencias productivas. Se, por exem-  
 plo Russia e Portugal empregão os capitães  
 e braços Inglezes nas suas manufacturas, sem  
 duvida isto he prova de grandes faltas no sys-  
 tema de sua industria domestica, ou de radi-  
 cal defeito de sua economia politica. Porém o  
 remedio seria não o excluir os fundos e a in-  
 dustria dos Inglezes, mas sim o reformar ca-  
 da Governo devidamente a Policia interior de  
 seu Estado: o que seria benefico, não só á to-  
 dos que nisso immediatamente se interessão,  
 mas tambem á todas as Nações da Europa.  
 Sentir-se-hia vantagem no melhoramento do to-  
 do o Continente Europeo, pelo melhoramento  
 das suas partes. Em quanto não se fizerem as  
 saudaveis reformas na Administração de taes  
 Estados, he clara e innegavel vantagem não  
 só destes paizes que empregão trabalho e capi-  
 tal dos estrangeiros, mas tambem de todo o  
 systema da industria Europea que os meios e  
 recursos de Inglaterra supprão a falta de meios  
 e recursos das outras Nações. Seria muito maior  
 o infortunio, se os campos da industria huma-

na que são agora cultivados e aviventados pela habilidade e capital dos Inglezes, houvessem de ficar desertos e improductivos.

Estes não podem com justiça ser arguidos da inferioridade dos paizes que tem economia nacional defeituosa, e mal dirigida: he calumnia e vilania o fazellos responsaveis da barbaridade indolencia, impericia, naturaes difficuldades, ou má administração dos mesmos paizes; e he absurdissimo condemnallos de se aproveitarem, quanto mais lhes he possivel, em maneira licita (por sua excellencia nas artes, sua industria, e seu espirito de empreza) de todas as circumstancias que lhes deixão campo aberto ao exercicio dos seus engenhos, braços, e capitaes, de que aliás tambem resulta beneficio á esses mesmos paizes; pois, sem taes soccorros, serião, em igual proporção, ainda mais estereis, e sem estabelecimentos uteis; obtendo, ao contrario, agora, pelo Commercio Inglez, superior abundancia, e supprimento melhor e mais commodo. A preeminencia pois da Gram Bretanha no commercio e industria vem a ser de geral vantagem á todas as Nações, a medir-se esta pelos verdadeiros principios de Economia politica.

Toda a Humanidade tem real interesse na existencia de hum povo, cuja industria e pericia em trafico mercantil, e manufactureiro, tem sido levada á tão maravilhosa extensão, e pela qual todas as Nações sao actualmente pro-

vidas de innumeraveis artigos do geral consumo, á preços comparativamente mais baratos, e de superior qualidade, do que póde alguma Nação fabricar e vender, e cuja somptuosa actividade dá grande, e não infructifera, exemplo aos outros paizes, para a innocente emulação de aspirarem tambem á melhora de sua economia e industria.

O maior possivel melhoramento das potencias productivas de cada Nação, e a maior possivel extensão das riquezas, artes, e industria de cada huma, são do real interesse de toda a Europa. Mas, attenda-se, que, pelo progresso da riqueza e industria da Europa, a Inglaterra não perderia o ascendente que tem ganhado de sua industria e capitães; pois a actual superioridade de seus meios não ficaria perdida, ou cessada, por ser privada de hum ou outro campo de acção; a energia Nacional exploraria outros novos campos de industria, para descobrir novas fontes de opulencia, que sem duvida accrescentariam as riquezas da Sociedade. Por tanto he só apparente a perda que huma Nação civilizada e industriosa soffreria pela elevação das outras; ao contrario, crescerião os reciprocos equivalentes para mutuo e vantajoso commercio.

He do verdadeiro e bem entendido interesse de Inglaterra, como de toda a Europa em geral, que a industria e riqueza se augmentem no maior gráo possivel, em toda a parte do Mundo. Não he o barbarismo e a pobre-

za das outras Nações, mas as suas riquezas e civilisação, que podem accrescentar a riqueza de Inglaterra. Se o Governo Inglez impedisse a industria dos outros paizes por força ou fraude, mereceria toda a censura e indignação; e os máos effeitos de tão injusta policia cahirião sobre a cabeça do proprio oppressor: então he que se poderia com razão dizer, que a Nação Britannica estaria em directa opposição aos desejos, esforços, direitos, e interesses de todas as outras Nações, e se poderia bem arguir de ser o inimigo commum, o tyranno, e o flagello da Europa. Mas o Governo Britannico e a Nação não podem ser accusadas de tal demencia.

Possão os nossos melhores Genios e os dictames da verdadeira Economia politica, impedir o procurar-se a geral vantagem na immediata degradação de Inglaterra! He de espantar, que tão cru systema, concebido por espiritos acanhados, ainda seja reputado como o summo da sabedoria. Custa a conceber como homens illustrados já mais podessem pensar em boa fé, que a riqueza ou a pobreza de huma Nação deverião ser fundadas na pobreza ou riqueza das outras. Enfraquecer a Inglaterra seria enfraquecer a Europa. A riqueza e industria desta Nação vem na realidade, pelas suas saudaveis consequencias, a pertencer a todos os outros paizes. Os trinta milhões esterlinos de manufacturas que Inglaterra accrescenta ao fundo Commercial da Europa, fórma grande e in-

portante porção da riqueza das Nações. (\*) Se tal fundo desaparecesse, ainda só em parte, que seria de cada vantajoso mercado, que Inglaterra apresenta á todas as naturaes producções, como trigos, vinhos, madeiras, metaes do Continente, que se commutãvãõ por equivalentes das mesmas manufacturas?

Haveria certamente huma perda real, se as Nações que vendem estes productos, empregassem maior quantidade delles em comprar a mesma somma do que precisão em obras manufacturadas, mas de inferior qualidade do que a que os Inglezes antes lhes davãõ em troco. Com tal avessa economia, cessaria de existir a actividade e industria excitada até ágora pelo Capital Britannico em cada paiz commerciante, e dahi difundida sobre todos os mares, rios, e paizes das mais remotas regiões do mundo. Seria impossivel prevenir, ou remediar tão grande perda. O ciu-me, e a curta vista dos fabricantes e commerciantes do Continente, e igualmente dos Homens de Estado que adoptarem as suas mesquinhas regras, podem tirar vantagem egoistica do projecto de humilhar a Inglaterra, prohibindo-lhe a venda de suas manufacturas nas Nações Europeas; mas toda a Europa não

---

(\*) Na falla que o Ministro Inglez do Thesouro fez em Maio do corrente anno de 1810 ao Parlamento, declara, que as manufacturas da Nação no anno passado crescerão a 35: 197, ou lib. esterl.



térta causa de se regozijar de suas chimericas esperanças; ainda quando se realizassem. Esta mudança he pelos sophisticos inimigos de Inglaterra representada como o passo necessario para o que dizem *geral emancipação* das Nações á respeito da industria Inglesa, e he esperada pelos seus ignorantes e credulos partidistas: mas tempo virá em que a devida consideração dos verdadeiros interesses da Europa será a final posta em muy differente modo de ver. O levantamento das outras Nações á maior perfeição não destruirá a commercial superioridade de Inglaterra, como o deseja a detestavel inveja, crassa ignorancia, e mortifera policia dos sectarios do Caduco Systema Mercantil.

Tem-se dito que a presente guerra tem sido a fonte das maiores vantagens á Inglaterra; que ella he quasi necessaria á sua existencia; e que no mesmo momento em que cessar, logo a paz trará inevitavel queda á sua grandeza commercial. Mas he incontrovertivel, que aquelle paiz, longe de se abaixar com a paz, será, em muitos respeito, o que ha de mais ganhar com ella, do que qualquer outra Nação; pois restabelecerá as naturaes relações de todos os paizes; e visto que nenhuma Nação, como a Inglesa, pôde vender mercadorias de melhor sortimento, perfeição, e barateza, e fazer mais longos creditos na venda: e como nenhuma se lhe emparelha em capitaes e actividade de industria, ella necessariamente manterá a sua supe-









Société d'Étude et de  
Etude de l'Étude et de

18 oct 1880

Société d'Étude et de

## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).